



CONVERSAÇÕES E CONTÁGIOS: O QUE SE PASSA EM UMA ESCRITA COLETIVA ATRAVESSADA PELOS ENCONTROS “SÁBADOS COM DELEUZE”?

Vivien Kelling Cardonetti¹, Francieli Regina Garlet², Cristian Poletti Mossi³ e Marilda Oliveira de Oliveira⁴

CONVERSATIONS AND CONTAMINATION: WHAT HAPPENS IN COLLECTIVE WRITING
CROSSED BY “SATURDAYS WITH DELEUZE” MEETINGS?

CONVERSACIONES Y CONTAGIOS: ¿QUÉ OCURRE EN UNA ESCRITURA COLECTIVA
CRUZADA POR LOS ENCUENTROS “SÁBADOS CON DELEUZE”?

1 Professora Externa do Curso de Graduação a Distância de Educação Especial da UFSM, RS e professora do Curso de Pedagogia da Antonio Meneghetti Faculdade (AMF), em Restinga Seca, RS. E-mail: vicardonetti@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3087-8995> CV: <http://lattes.cnpq.br/1649742737541059>

2 Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – Linha de Pesquisa Educação e Artes da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: francieligarlet@yahoo.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6401-5429> CV: <http://lattes.cnpq.br/2799676382347296>

3 Professor adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua no Departamento de Ensino e Currículo e no Programa de Pós-graduação em Educação (Linha de pesquisa Arte, Linguagem e Currículo). E-mail: cristianmossi@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3523-4152> CV: <http://lattes.cnpq.br/9298073969911416>

4 Professora titular da Universidade Federal de Santa Maria. Atua no Departamento de Metodologia do Ensino e no Programa de Pós-graduação em Educação (Linha de pesquisa Educação e Arte). E-mail: marilda.oliveira@ufsm.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5093-8806> CV: <http://lattes.cnpq.br/7835230852202032>

RESUMO

Este ensaio é fruto dos encontros do grupo de estudos “Sábados com Deleuze”, ocorridos de 2015 a 2019, na Universidade Federal de Santa Maria – RS/Brasil, com o objetivo de problematizar as conversações e os contágios que as obras estudadas dispararam no encontro com práticas artísticas e a pesquisa em educação. Algumas imagens compõem o texto, dando expressão às experimentações que ocorreram nesse sentido ao longo dos encontros de estudos. Em uma movimentação biografemática (BARTHES, 2003), este trabalho foi produzido a oito mãos, isto é, por quatro singularidades povoadas por uma polifonia de vozes que ressoam e são sinalizadas nesta escrita como: 1º, 2º, 3º e 4º par de mãos. Cada autor/a tecia sua escrita e enviava para o par subsequente, explorando regiões ainda não imaginadas. As zonas textuais resultantes desse procedimento de escreitura (CORAZZA, 2008) intentam convidar o/a leitor/a a explorar modos de ver, ler, escrever, viver na academia em inter-relação com arte e filosofia enquanto campos de criação.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. “Sábados com Deleuze”. Práticas artísticas. Pesquisa em educação.

ABSTRACT

This essay results from the meetings of a study group called “Saturdays with Deleuze” and held from 2015 to 2019 at Universidade Federal de Santa Maria - RS/Brazil, aiming to problematize the conversations and the contamination triggered by the works studied in the encounter with artistic practices and research in education. Some images populate the text, giving expression to the experiments that took place in this regard during the study meetings. In a biographematic move (BARTHES, 2003), this work was produced by eight hands, that is by four singularities inhabited by polyphony that resonates and is signaled in this writing as: 1st, 2nd, 3rd, and 4th sets of hands. Each author wove his or her own writing and sent the text to the next pair of hands, exploring regions not yet imagined. The textual zones resulting from this writing-reading procedure (CORAZZA, 2008) intend to invite the reader to explore ways of seeing, reading, writing, living in the academy in interrelationship with art and philosophy as fields of creation.

Keywords: Reading. Writing. “Saturdays with Deleuze”. Artistic practices. Education research.

RESUMEN

Este ensayo es el resultado de las reuniones del grupo de estudio “Sábados con Deleuze”, realizados de 2015 a 2019, la Universidade Federal de Santa Maria - RS/Brasil, con el objetivo de problematizar las conversaciones y contagios que desencadenaron los trabajos estudiados en el encuentro con las prácticas artísticas y la investigación en educación. Algunas imágenes componen el texto, dando expresión a los experimentos que se realizaron al respecto durante las reuniones de estudio. En un movimiento biografemático (BARTHES, 2003), esta obra fue producida por ocho manos, es decir, por cuatro singularidades pobladas por una polifonía de voces que resuenan y se señalan en este escrito como: 1º, 2º, 3º y 4º par de manos. Cada autor/a tejió su escritura y la envió a la persona siguiente, explorando regiones aún no imaginadas. Las zonas textuales resultantes de este procedimiento de escritura-lectura (CORAZZA, 2008) pretenden invitar al lector/a a explorar modos de ver, leer, escribir, vivir en la academia en interrelación con el arte y la filosofía como campos de creación.

Palabras clave: Lectura. Escritura. “Sábados con Deleuze”. Prácticas artísticas. Investigación en educación.

Essa escrita é ensaiada coletivamente por quatro pesquisadores/as do sul do Brasil que habitam paisagens da arte e da educação e são movidos/as também por afetos advindos das filosofias da diferença, em especial de leituras de obras de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Tais filosofias têm nos movimentado por outras maneiras de viver/pensar/criar com a arte, a educação, com a docência e a vida. Neste texto, fazemos um exercício de biografemar os afetos advindos do estudo coletivo de tais materiais, num exercício de escrita que perpassa um agenciamento coletivo que se expressa via quatro pares de mãos, acionando mudanças de natureza na escrita ao passo que o biografemar acontece por meio de cada par de mãos envolvido. Intentamos não apenas escrever com a vida que pede passagem ao escrevermos movidos por esses afetos, mas, também, movimentar problemáticas que possam abrir vias para pensar a leitura e a escrita, ou a escreitura, conforme propõe Corazza (2008), como prática criadora, como obra de arte, na interface com as pesquisas em educação.

Com a provocação lançada por Barthes no livro *Rumor da língua*

Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias, excitações (...)? Numa palavra, nunca lhe aconteceu ler levantando a cabeça? (BARTHES, 2012, p. 26)

Pensamos nas potências criadoras que atravessam a leitura, a escrita e também os encontros e experimentações com imagens, compreendendo a prática artística não apenas como a produção de objetos (obras de arte), mas também e, sobretudo, como modo de existência em meio à vida, que pode sugerir um alargamento nos/dos modos de pesquisar (ler, escrever, viver...) em educação. A filosofia, igualmente aqui afirmada como prática criadora (DELEUZE e GUATTARI, 1992), nos alimenta enquanto potência vivificadora do pensamento que busca extravasar certa matriz de reflexão,

seguindo linhas inventivas no seu encontro profícuo com a arte.

Ler e escrever levantando a cabeça, diz, assim, de produzir outros movimentos que se fazem necessários e são solicitados pela leitura. Por vezes, o arrebatamento das palavras lidas nos impele a entrar em contato com aquilo que é contingente, passando a produzir fissuras no texto. Nessas fendas, palavras outras podem se aproximar, oferecendo experimentações em que as palavras preexistentes passam a ser deflagradas, propiciando a interrupção da paisagem dada e o fomento de um outro pensar.

Roland Barthes (2012, p. 27), aponta que um “texto-leitura” é escrito quando lemos erguendo a cabeça, pois isto possibilita que se inscrevam distintos textos junto ao texto lido. Percebemos que essa dinâmica se intensifica em um processo coletivo de leitura, onde uma multiplicidade de textos passa a surgir se sobrepondo e justapondo, criando camadas sobre o texto de origem, de modo que esse passa a ser, talvez, o que menos importa diante da criação efetuada. Estes atravessamentos coletivos contribuem para a leitura da leitura, e a “repercussão” desse cruzamento nos invita a experienciar as “ressonâncias” propagadas em nosso modo de existir (BACHELARD, 1993).

A partir dessas ponderações, intencionamos biografemar os movimentos e pensamentos que rasgam, cortam e atravessam uma leitura quando realizada coletivamente. Tomamos, assim, os afetos advindos dos encontros “Sábados com Deleuze”, que aconteceram entre os anos de 2015 e 2019 na Universidade Federal de Santa Maria – RS/ Brasil, os quais expressam-se via a escrita coletiva deste texto, contando também com a potência das imagens resultantes de experimentações ao longo dos encontros de estudos que atravessam o artigo.

Doze participantes (mestrandos/as, doutorandos/as e pós-doutorandos/as de um Programa de Pós-Graduação em Educação, acadêmicos/as e professores/as do Curso de Graduação em Artes Visuais e um professor e uma professora externos/as) compunham os encontros.

Os propósitos que uniram esse grupo foram: o interesse por estudar a obra de Gilles Deleuze, o comprometimento em ler os livros e o desejo de participar dos encontros. Em cada sábado selecionado do mês, um livro de Gilles Deleuze foi trabalhado, requerendo de cada componente a leitura prévia da obra em questão. Cada encontro ocorreu em dois turnos do sábado escolhido, sob a orientação de um/a moderador/a que tinha a responsabilidade pela sessão (revezamento entre os/as componentes do grupo). As obras lidas nesses cinco anos podem ser visualizadas no quadro a seguir.

Dessa maneira, procuramos pensar sobre o que foi possível aprender nesse processo e de que forma fomos nos movimentando nesse tangenciar de composições próprias e alheias, problematizando as questões que emergiram das leituras e das sensações partilhadas entre os/as participantes. A partir da potência característica e singular dessa coletividade, reconhecemos que nossa escrita realizada a oito mãos é também um cruzamento de outras tantas envolvidas nesses encontros. Esse texto foi pensado e escrito via trocas de e-mails, em um arquivo colaborativo, cada par de mãos era convidado a escrever junto do que lhe afetava em meio aos encontros “Sábados com Deleuze” e enviar a escrita para o par de mãos seguinte. Várias rodadas de escrita foram acontecendo e os textos-leituras que foram surgindo quando um par de mãos recebia a escrita do par precedente, eram livremente inscritos na superfície escritural, fazendo deste um texto polifônico, polimórfico, repleto de entradas, saídas e terrenos de voo e de pouso para os pares de mãos que estão por vir, para os quais escrevemos.

O método pelo qual compomos esta escrita foi o biografema, idealizado por Barthes (2003) como uma forma de escrever com a vida e o que nos acontece. Trata-se de despersonalizar os autores para falar de uma vida que é escrita por atravessamentos e encontros, ou seja, pensar a vida como a própria elaboração do texto (CORAZZA, et al., 2015). Assim, fomos compondo esse ensaio com o que foi vivido, como um modo de

		Ordem de leitura →		
2015	Empirismo e subjetividade (1953)	Proust e os Signos (1964)	Nietzsche e a filosofia (1965)	
	Bergsonismo (1966)	Diferença e Repetição (1968)	Lógica do sentido (1969)	
	Spinoza: Filosofia Prática (1970)	O anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia (1972), com Guattari	Kafka – por uma literatura menor (1975), com Guattari	
	Diálogos (1977), com Parnet	Mil Platôs v. 1, v. 2, v. 3, v. 4 e v. 5 (1980), com Guattari	Lógica da sensação (1981)	
	Cinema 1 – A imagem-movimento (1983)	Cinema 2 – A imagem-tempo (1985)	Foucault (1986)	
	Abecedário (1988), com Parnet	A Dobra, Leibniz e o Barroco (1988)	Conversações (1990)	
	O que é a filosofia? (1991), com Guattari	Sobre o Teatro – O Esgotado (1992)	Crítica e Clínica (1993)	
	A Filosofia Crítica de Kant (1963)	Gilles Deleuze: uma vida filosófica (2000), organizado por Éric Alliez	Sacher-Masoch: o frio e o cruel (2009)	
	2019	O mistério de Ariana (2015)	Deleuze: uma filosofia do acontecimento (2016), de François Zouravichbill	

FIGURA 1.

Listagem das 30 obras estudadas no grupo de estudos Sábados com Deleuze. Elaboração dos autores.

pensar como cada um de nós viveu a experiência de ler e escrever com os “Sábados com Deleuze”.

As práticas artísticas aqui, portanto, são pensadas de modo ampliado, não passando necessariamente pela produção de um objeto apartado de seu criador, mas como potência que areja a vida e que oferece alternativas para instaurar outras racionalidades – menos dogmáticas, menos prescritivas, menos baseadas unicamente na razão como força motriz do pensamento e da criação –, sobremaneira no que tange à interface dessas práticas com modos de pesquisar (escrever-ler) em educação no contágio com a filosofia, igualmente como campo inventivo. Pode-se compreender a própria escrita do presente texto como prática artística, desse modo, percorrendo vestígios do que esse pensamento alargado sustenta, via escritas dos pares de mãos que conversam com imagens resultantes das experimentações realizadas ao longo dos encontros de estudos que também povoam o artigo.

1º Par de Mãos

Gostaria de iniciar essa conversa, expressando a minha alegria em podermos pensar conjuntamente algumas questões em relação às repercussões e às ressonâncias que passaram a ser propagadas no movimento de ler coletivamente as obras de Gilles Deleuze. O desejo em me deter nesse estudo se deve a algumas experiências anteriores e às provocações que passaram a ser disparadas por meio dessas situações.

No decorrer do curso de doutorado em Educação, tive a oportunidade de me aproximar das obras dos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari. A leitura e o estudo ocorreram em 2011, 2012, 2013 e 2014, junto ao grupo de orientação⁵. Pensando no profícuo jogo de

5 Reunião de estudo e de orientação das pesquisas realizadas pelos mestrados, doutorandos e pós-doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Educação. Esse grupo, do qual os três primeiros autores fazem ou fizeram parte, há alguns anos tem tentado, sob orientação da quarta autora, criar outras possibilidades de vida no âmbito

intercâmbios ocorrido naquela ocasião que, ao ser convidada a participar dos encontros “Sábados com Deleuze”, fui provocada mais uma vez pela chance de usufruir do cruzamento de leituras e do compartilhamento entre os envolvidos. Dessa forma, passei a ter interesse em pesquisar⁶ aquilo que era possível produzir nessa multiplicidade, a qual é entendida como uma tessitura de dimensões que se deslocam, que se prolongam e se relacionam umas com as outras, a fim de gerar força, cada uma incorporando todas as outras em outra condição.

Além disso, concordo com Bachelard ao comentar que: “todo leitor que relê uma obra que ama sabe que as páginas amadas lhe dizem respeito” (1993, p. 10, grifo do autor), pois os livros de Deleuze me tocaram, instigando-me a problematizar a experiência educativa. Mesmo que essas obras não tenham se dedicado ao estudo da área da educação, possibilitaram-me pensar nela, revendo certezas absolutas, verdades definitivas e referenciais intocados. Essa revisitação, portanto, foi uma oportunidade de ler aquilo que já havia lido e expandir minha visão, pois novas tonalidades despontaram de uma leitura para outra. Ademais, singulares, nuances e matices foram visualizados nesses encontros, abarcando outros diálogos e problematizações.

Spinoza coloca que “um só e mesmo homem pode, em momentos diferentes, ser afetado diferentemente por um só e mesmo objeto” (SPINOZA, 2010, p. 221). Os afetos que estão envolvidos em cada situação se alteram e se modificam, porque novas conexões são produzidas a todo instante. Ao nos aproximarmos do mesmo objeto ou signos, não somos mais os mesmos que antes, pois, no “entre” de um encontro, liames entram em cena nesse emaranhado, outros afetos acontecem e outras tessituras são criadas.

da educação menor, e abrir espaços para outros modos de articular/pensar/criar com a imagem na pesquisa em educação e artes.

⁶ Pesquisa realizada no Estágio Pós-Doutoral do Programa de Pós-Graduação em Educação.



FIGURA 2.

Anotação e desenho realizado durante um encontro de estudos por um dos participantes. Arquivo dos autores.

Isso me faz pensar que não acumulamos experiências, mas vamos nos produzindo a cada vivência. Por mais que venhamos a convocar o que já foi vivenciado, temos que levar em consideração que o passado sempre estará sendo atualizado pelos afetos do presente. Mesmo porque a cada visitação ocorre o caráter irreversível de um encontro, pois o campo de confluências será distinto e não será mais sobre o mesmo indivíduo que os acontecimentos atuarão.

Ao levar em considera o a atmosfera *acontecimental* e a provisoriidade das problematiza es dos encontros “Sábados com Deleuze”, alguns elementos foram selecionados e certos arranjos foram compostos nesta escrita. Por isso, caros/as colegas, gostaria de lançar algumas questões para iniciarmos nossa conversa: Que produ es de sentidos foram tecidas nessa coletividade, em que realizamos a leitura da leitura? Que textos-leituras eclodiram a partir do compartilhamento de leituras? E que textos-leituras respingaram nas nossas experiências educativas e nas nossas pesquisas em educa o?

2º Par de Mãos

Ler em uma solidão povoada. Vazar o que se leu, com a voz, com a escrita, com conexões imprevisíveis que disparam transbordamentos no que   lido. Experimenta o que não deixa o texto onde está e nem no que ele diz; que o coloca em conexão com elementos extralinguísticos, que não o ilustram e explicam, arrastando-o para regiões inesperadas; que bagunça arquivos em busca de encontros intensivos, os quais fazem brotar outras maneiras de ver, de dizer e de escrever o que se leu. Isto  , ler coletivamente   uma maneira outra de leitura, capaz de inaugurar problemáticas que fazem brilhar o olho e tremer o corpo, pelo assombro do desconhecido que não se pretende conhecido, disparos que movimentam o pensamento a pensar e fazem pulsar composi es de pesquisas em educa o e artes.

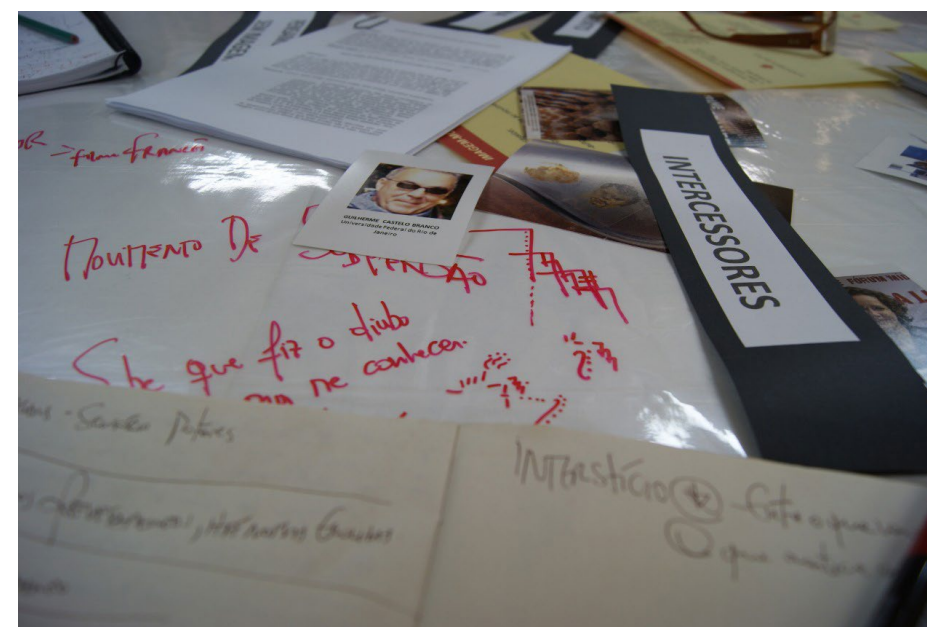


FIGURA 3.

Mesa de trabalho de um dos encontros de estudos. Arquivo dos autores.

Como já mencionado nesta escrita, nossa aproximação com Deleuze havia se iniciado ainda antes dos encontros “Sábados com Deleuze” começarem a acontecer. Não temos uma formação em filosofia, portanto, partimos de uma leitura que se dá por afetos, a partir do que tal experimentação faz vibrar no encontro com a obra, bem como no que ela nos incita a inventar em meio a nossas conversas, pesquisas e estudos em educação e artes.

Tentamos operar com os conceitos que permearam nossas leituras, movimentando-os e colocando-os em vizinhança com outros elementos: fotografias, imagens de obras artísticas, vídeos, músicas, poesias, docência. Nesse “entre”, nasciam escritas e diferentes modos de pensar, tanto esses outros elementos, quanto os próprios conceitos.

A preocupação não estava, portanto, em entender o conceito a partir de uma lógica, ou de um sentido que estivesse guardado nele, mas fazê-lo vibrar em suas conexões com outros elementos (da vida, da docência, da educação, da arte) produzindo e inaugurando sentidos a partir dessa experimentação.

A leitura dos escritos de Deleuze, Deleuze e Guattari, bem como de seus comentadores, sempre me provocou muito. Os encontros nos quais conversávamos (e conversamos) sobre essas leituras também. Na maioria das vezes, a escrita não aconteceu de imediato. É como se nas pausas de leitura, algumas palavras, conceitos e questões ficassem em suspenso, a se debater com o pensamento, com as conversas no grupo. Revirando-se em um caos à espreita de encontros, numa espera turbulenta de intensidades que pudessem atualizá-las em linhas de escrita provisórias e repletas de rachaduras por onde o pensamento pudesse ainda passar, e por onde ainda pudessem seguir brotando outras escritas, com outras conexões.

A escrita acontece como registros nebulosos de intensidades: sobreposição, rasura, apagamento e criação. Como modo de resistir a um arquivamento e àquilo que busca conter ou eliminar o caos. Como

modo de produzir passagens de ar desde dentro de dados, codificações, significações, verdades e memórias (DIAS, 2014). Escrita inacabada. Escritas-linhas que escapam e são lançadas novamente ao caos.

Escrita registro, na qual, sempre escapa algo. O que fica? O que é disparado? Nada permanece do mesmo jeito. Há um vento que sopra “entre”: uma fala e outra, um recorte e outro, uma leitura e outra... Há conexões com o fora do texto: imagens, poesias, músicas, vídeos, fotografias, outros autores... se produzem vazios, onde circulam forças que violentam o pensamento a pensar (LEVY, 2011).

Lanço no vento que sopra nesse “ínterim”, alojado entre uma escrita e outra deste ensaio, algumas questões para continuar a conversa acerca dos encontros “Sábados com Deleuze”: que fluxos atravessam esse estudar junto? Que conexões inesperadas surgiram desses encontros? Que fluxos passam “entre” leitura e escrita e vice-versa? Qual a importância desse “entre” para que a escrita possa brotar? O que lhe dispara a escrever? O que a escrita faz existir?

3º Par de Mãos

Quando deixamos de ler e passamos a escrever? Há alguma dessas ações – ler e escrever – que tenha *vindo* antes? Quando nos *vem* uma leitura e uma escrita? Será que são elas que nos *vem* ou nós é que somos decorrentes delas?

Ler e escrever como duas faces de um mesmo plano. Em nossos encontros “Sábados com Deleuze”, temos pensado, com Corazza (2008), na leitura e escrita como potências indissociáveis. Lê-se, porque se escreve (lê-se, enquanto se escreve) e se escreve enquanto se lê. Escreve-se e se inscrevem caminhos outros entre as linhas de um texto qualquer que percorremos com o dedo indicador e com os olhos. O dedo indicador que não serve mais para apontar, mas passa a ser máquina de cavar. Ao invés de assinalar letras, palavras, frases, parágrafos, suas direções e sentidos



FIGURA 4.

Composição: leitura se fazendo escrita e escrita se fazendo leitura ao longo dos encontros de estudos. Arquivo dos autores.

inequívocos, cava entre elas caminhos bifurcados, tocas e labirintos.

E, dessa leitura, insurge uma escrita *acontecimental*, compreendendo “acontecimento” em Deleuze (2011) como verbo absoluto que se encarna na linguagem e acontece aos/nos corpos.

Uma escrita que se dá porque nosso corpo afeta e é afetado por outros corpos (pessoas, coisas, imagens, corpos microscópicos imperceptíveis), emergindo deles um vapor incorporal, *acontecimental*, que a leitura e a escrita procuram incessantemente enlaçar, tendo na própria busca (e não na captura absoluta) sua força motriz. Uma escrita que se atualiza não pelo fato de a leitura como procedimento moral ou pré-requisito ter sido feita, mas simplesmente porque seria impossível pensar uma leitura que ela própria não se escrevesse enquanto é lida. Da mesma forma, seria impossível pensar uma escrita que não se leia enquanto se escreve.

Trata-se de uma leitura sinuosa de trajetos misteriosos. Trata-se de ler como quem vê. Ler como um vidente. Ler como quem percorre as linhas da mão, como quem interpreta a borra do café ou os sinais do céu, as estrelas e os raios de sol. Ler como um *médium*. Escrever como um para-raios que concentra em torno do seu eixo energia suficiente para provocar uma catástrofe.

Nós é que chegamos a partir da leitura e da escrita como se o sopro de vida e de desejo que criou o universo se desse em ler e escrever como primado de vida; não porque tais operações são originais, fonte de tudo, mas pelo fato de que não se sabe mais de onde se veio e para onde se vai quando se lê e se escreve.

Não há um deixar de ler e passar a escrever, tampouco um *precisar* ler para escrever, mas sim um ler-escrever. O que existe é um corpo amorfo e sem órgãos (DELEUZE; GUATTARI, 2012a) que expulsou seu organismo em função de nele fazer passar a vida. O que há é o abandono da leitura e da escrita burocráticas que cumprem protocolos, para que uma rajada absoluta de ar arraste todos os clichês pré-existentes na página (DELEUZE; GUATTARI, 1992) a fim de que a inauguração de um

novo na leitura-escrita e, por assim dizer, no pensamento, seja possível.

Para tanto, é preciso que a leitura ou a escrita não se percam em prazos e que não sejam produzidas às pressas e em meio a assombros, a não ser que esses sobressaltos e a pressa sejam procedimentos intencionais. Ou seja, um modo pelo qual o indivíduo consegue se singularizar encontrando uma zona de vizinhança indiscernível – enquanto devir (DELEUZE; GUATTARI, 2012b) – como um animal que se assusta facilmente ou que voa rápido demais deixando apenas rastros. Devir-mosca do escritor-leitor. O que impossibilita uma escrita-leitura é quando a emergência e a exigência se tornam mecanismos de controle, constituindo um organismo bem formado que exige produtividade, números incontáveis de caracteres com espaços, cabeçalhos e rodapés. Como, *em meio* a tais estruturas rígidas, propor outros tipos de leitura-escrita que considerem em si potências não produtivistas, mas produtivas de vida, de desejo, de pensamento, de multiplicidades? Nossos encontros para ler-escrever Deleuze e Deleuze e Guattari e outros, quem sabe, têm transitado por esses caminhos.

4º Par de Mãos

Orientar pesquisas, publicar livros e artigos em revistas científicas bem avaliadas está entre as atividades docentes que produzem maior desafio no meio acadêmico. A orientação, ao lado da docência e da formação de novos/as pesquisadores/as, é atividade obrigatória para quem ocupa o posto de professor/a de programas de pós-graduação. Prevalece, assim, a equívoca convicção generalizada de que basta o domínio científico de um campo do saber para um bom desempenho nas complexas ações do/a professora/orientador/a. No entanto, ignoram-se alguns elementos importantes nas relações de orientação, que são: a potência da coletividade, a maturidade pessoal e intelectual e o equilíbrio emocional do grupo.

Por acreditar em partilha e trabalho de equipe como prática efetiva

e afetiva é que lancei o convite ao meu grupo de orientação para os 30 “Sábados com Deleuze”. Por que sábados e por que Deleuze? O sábado se configurou como o único dia em que todos nós poderíamos passar o dia juntos sem prejuízo para outras atividades acadêmicas e Deleuze, porque este tem sido o autor que nos últimos 20 anos tem me movimentado a pensar, a ler e a escrever.

Comecei a perceber que esse autor e seus comentadores produziam no grupo de orientação uma espécie de contágio diferente e que sempre que discutíamos alguma obra de Deleuze a movimentação era outra. Ficava algo em suspenso, extraviado e, logo em seguida, retornava em forma de artigo, de fala, de um novo texto. Também notei que esse autor vaporizava de forma diferente na pesquisa de cada um.

Após cinco anos de experimentações em “Sábados com Deleuze”, percebo que não estava equivocada. Nossos encontros de leitura e escrita nos fortalecem enquanto grupo, une-nos para escrever e para pensar, produz repercussões e ressonâncias naquilo que estamos produzindo: uma aula, uma fala, um texto e/ou um livro.

Mas, afinal, o que esse grupo tem produzido de útil/prático? Para responder, utilizo as palavras de outro filósofo que tem questionado a produtividade acadêmica e a exigência das agências de fomento por resultados eficazes e nomeáveis na atualidade. Ele pondera que:

[n]ão é verdade – nem mesmo em tempos de crise – que só é útil o que produz lucro ou tem uma finalidade prática. Existem saberes considerados ‘inúteis’ que são indispensáveis para o crescimento da humanidade, útil, portanto, é tudo aquilo que nos ajuda a sermos melhores e melhorarmos o mundo (ORDINE, 2016, contracapa).

Talvez o que esteja se produzindo nesse grupo é alguma inutilidade que nos faz produzir mais e melhor, escrever de forma mais potente, sentir-nos acolhidos no coletivo e fortalecidos. Nesse sentido, gostaria de

inserir a noção de *extravio* que talvez possa compor com este fragmento. Outro autor que também tem aparecido com frequência em nossos estudos com Deleuze é Foucault. Ele discute a razão de fazer pesquisa, de ler e de escrever:

O motivo que me impulsionou a fazer pesquisa é muito simples. Para alguns, espero que ele possa bastar por si só. É a curiosidade; o único tipo de curiosidade que, de qualquer forma, vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que busca assimilar ao que convém conhecer, mas a que permite desprender-se de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se ela apenas garantisse a aquisição de conhecimentos, e não, de uma certa maneira e tanto quanto possível, o extravio daquele que conhece? (FOUCAULT, 2012, p. 191).

Quando uma pesquisa produz extravios? Quando nos permite sair do caminho, desviarmos do que havíamos previsto inicialmente, perder-nos de certa maneira. No grupo de estudos “Sábados com Deleuze” não tem sido diferente: são os extravios que têm nos movimentado enquanto grupo. Tem maior relevância aquilo que perdemos e deixamos lá do que aquilo que levamos embora quando o encontro acaba.

A partir de Deleuze encontramos Deligny (2015), outro autor que tem produzido afetos no grupo. Deligny se refere à escrita como “rastros de escrita” e aos percursos como “linhas de errância”, utilizando verbos para dizer de suas recolhas de imagens, a exemplo de “camerar” ou “extravagar”. Com os encontros, saíamos, assim, da via em linhas de errância, rastreando linhas de escrita.

1º Par de Mãos

Penso que você, quarto par de mãos, traçou uma linha potente para o prosseguimento do nosso texto coletivo, ao tocar na questão do extravio.

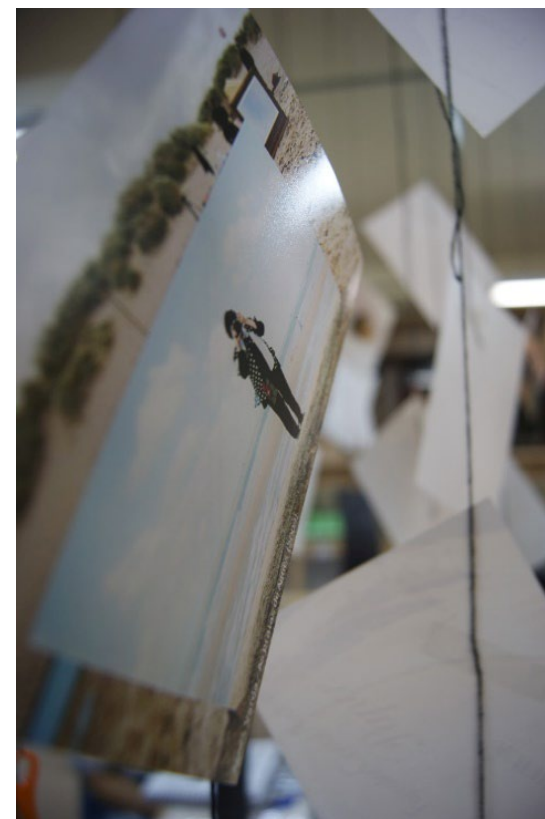


FIGURA 5.

Composição: detalhes de instalação produzida para discutir uma das obras ao longo dos encontros de estudos. Arquivo dos autores

Extraviar-se... Perder-se no trajeto que foi programado... Arriscar-se em caminhos ainda não percorridos... Algo se passa, e uma versão de nós se extravia. Sobreviveremos? Não... Pelo menos, não do mesmo modo que antes. Não podemos mais voltar ao mesmo, porque o retorno é também a diferença. O território foi remexido e é necessário produzir outro (outro território e outro de nós mesmos...) se não quisermos segurar na mão de uma linha de morte, daquelas que, imprudentes, excedem a potência do corpo, ou, então, daquelas que o separam do que ele pode, impedindo que suas potências sejam preenchidas.

Os extravios podem acontecer de modo imperceptível. Em microfissuras: “[u]m prato racha [...] [e] já não se suporta o que se suportava antes” (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 147). Damo-nos conta, então, que algo se extraviou, escorreu lentamente, e já não conseguimos continuar os mesmos. Tal possibilidade pode disparar a pensar que o extravio é um movimento, talvez, inseparável da pulsação de vida que nos arrasta a modificações a cada encontro com aquilo que é outro, seja alguma leitura, imagem, pessoa, etc.

Essas considerações pontuadas fazem pensar nos movimentos realizados nos “Sábados com Deleuze”, nas problematizações que tem ocasionado fissuras, deformações, extravios em nós mesmos e em nossos modos de pensar/experimentar a educação no encontro com práticas artísticas e com a filosofia. Como provocar rachaduras nos manuais que buscam ensinar modos de ser professor/a, modos de ler, de escrever e de pesquisar? Que vias podem se abrir com o que escorre, vaza, escapa, extravia-se nessas fissuras? Que variações podem surgir nesses materiais a partir do nosso encontro com eles? É nessa agitação incessante de forças que recorro à questão lançada pelo mesmo par de mãos já referido anteriormente: quando uma pesquisa produz extravios?

Uma pesquisa produz extravios quando a experiência de escrita permite conhecer insólitos cenários e pessoas, colocando-nos a atuar em outros papéis e situações. Esse movimento faculta que venhamos

“Passar mal” pode ter sido um termo equivocado. Eu quis dizer que me faltou o ar. Literalmente. Passei mal pela ligeira falta de ar, pela respiração que ficou ofegante e depois engasgada. Algumas leituras têm o poder de nos fazer engasgar: levam-nos para um lugar desconhecido, nos apresentam outra realidade, ainda que fragmentada entre a neblina da descoberta recente. No caso de Proust e os Signos, de G. Deleuze, o que me ocorreu foi esse engasgamento, essa perda de ar, perda de chão; talvez a percepção de que nenhum chão é exatamente necessário; talvez a sensação de que posso e devo flutuar. Pensar sobre o pensamento, ler sobre uma estrutura de como o pensamento acontece, de uma forma nunca antes percebida, me fez perder o ar. Ora, se perdi o ar foi porque o que li, imensamente me afetou. Afetou porque fez sentido, porque pude sentir e vivenciar o que estava a ler: fazia parte do meu modo de pensar. Perdi o ar: lia sobre o meu modo de pensar; percebia minhas construções, meus agenciamentos sendo decifrados, ainda que em parte: e nem era eu quem decifrava! Era o que lia. Eu perdi o fôlego, pois lia sobre mim.

FIGURA 6.

Escrita-depoimento de uma das participantes do grupo de estudos em um dos encontros. Arquivo dos autores.

a vivenciar distintas possibilidades, propiciando que passemos a nos produzir diferentemente a cada instante. A leitura e a escrita, nesse sentido, são performativas, pois operam sobre o vivido, proporcionando a experimentação de outros possíveis.

Os livros que lemos nos “Sábados com Deleuze” foram gotejados por inúmeras existências, respingando também na nossa escrita, na nossa pesquisa e na própria vida. Isso nos viabiliza dizer que o que escrevemos acaba nos escrevendo, ou seja, o que produzimos também passa a nos produzir. A escrita em uma pesquisa não seria justamente isso? Uma celebração à vida e uma invenção de vidas?

Nesse movimento incessante, a pesquisa ganha outras potências, fazendo passar outros fluxos, inventando outra língua na nossa língua em meio a leituras e escritas e escritas e leituras. Desse modo, extravai um pouco de nós e nos lança em modos de existência que ainda não experienciamos.

2º Par de Mãos

Sinto a necessidade de friccionar essa noção de extravio com um conceito que vem atravessando minha pesquisa: o conceito de arquivo. Como o extravio se relaciona com o arquivo? Produzimos arquivos a todo o momento, ao passo que também somos produzidos por eles. O arquivo “é aquilo que fora de nós nos delimita” dizia Foucault (2008, p. 148). Entretanto, também perdemos arquivos e, nesse processo, podemos extraviar um pouco de nós mesmos.

Susana Oliveira Dias menciona que a máxima da contemporaneidade é a de que “arquivar é não desaparecer!” (DIAS, 2014, p. 161). Sons, palavras, imagens, corpos, coisas, gestos (de uma vida que flui) são a todo momento convertidos em dados. Mas, ao mesmo tempo em que o arquivo quer, a partir do registro, evitar o desaparecimento de uma vida, a vida é o que não pode ser contido, o que não pode ser totalmente

arquivado, o que não se resume em dados.

Escrevemos, registramos pedaços de vida em vias de escoamento. Arquivamos. Lemos e nos relacionamos com o arquivo. O arquivo tanto pode sentenciar a morte, quanto pode ser atravessado pela vida que não cessa de escorrer. Tudo depende da relação de forças que se estabelece nos encontros que ele tem. A leitura e a escrita podem reafirmar algo, mas, podem também produzir possibilidades de nascimentos de arquivos outros, porque, se não podemos escapar ao arquivo, ao menos podemos ocupar suas brechas e produzir outras coisas com ele.

Os escritos de Deleuze não deixam de ser arquivos, visto que foram produzidos desde dentro de arquivos. Nossos artigos, dissertações, teses e mesmo nossos rabiscos são igualmente arquivos e não escapam dos arquivos que os delimitam. Entretanto, o arquivo é o que não cessa de ser produzido, é também abertura pela qual vaza nos encontros com a vida em seus devires. O arquivo é, portanto, também produzido de falhas, vazios, escapes e extravios (DIAS, 2014). O arquivo é o que nos delimita, mas também é o que não consegue dar conta da vida. Tear infinito, tear sempre insuficiente.

Posso dizer que os “Sábados com Deleuze” operam em nós uma postura com relação aos arquivos, a qual nos desobriga de interpretar, analisar ou dar conta do que os arquivos “querem dizer”, de procurar neles verdades. Convida-nos antes a experienciar os arquivos, a espreitar em suas brechas o que a cada vez escapa ao que ele diz ou mostra, o que pulsa.

Não quero dizer com isso que essa postura é melhor, digo apenas que ela nos permite experienciar uma outra via que tem funcionado como potência para nós. Essa postura tampouco escapa ao arquivo, mas tem nos ensinado uma via mais leve de lidar com ele, que, pelo extravio e pelo desapego, tem nos produzido, parece-me, mais na via do desaparecimento, tendo em vista o que desconstruímos em nós nessa relação.

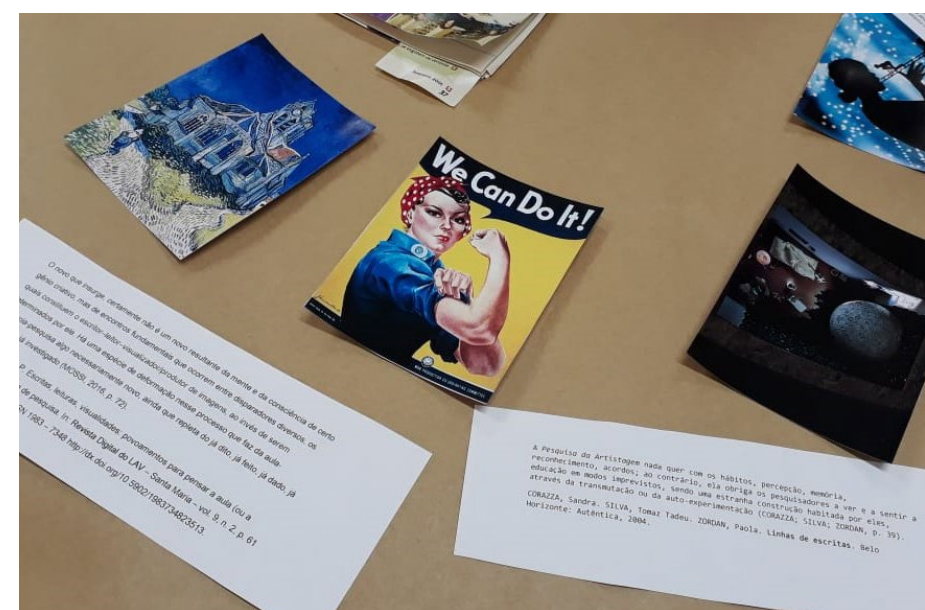


FIGURA 7.

Composição: imagens e fragmentos de textos que circularam por um dos encontros de estudo. Arquivo dos autores.

3º Par de Mãos

Extraviar-se, perder-se e abandonar a si mesmo em meio a escritas e leituras. Escrever como quem falta constantemente a um encontro consigo mesmo e ler como quem falta a um encontro com aquele que escreve. Escrever prevendo um futuro, mas um futuro incerto. Ler uma voz cheia de falhas, que vem de um passado nebuloso. Escrever e ler como quem encontra um arquivo esquecido no sótão, incompleto, repleto de documentos ilegíveis, destruídos por traças e cupins.

É possível ler não as palavras, mas os caminhos deixados pelos cupins e traças? Que tipo de leitura é possível quando, ao invés de se preocupar em encontrar os documentos extraviados de um arquivo, buscamos produzir (criar, sulcar, invencionar) sentidos com aquilo que temos disponível: papéis, letras, palavras, imagens, mas também o pó, a tinta escorrida, a mancha de mofo, as caixas velhas, as pastas vazias.

Estudar Deleuze aos sábados é seguir rastros e rastrear com Deligny. A escrita de Deleuze é repleta de sinais luminosos. Siga-os ou eles te devoram. Porém, não busque decifrá-los. Não é incomum perseguir um deles e chegar a lugar algum. Não importa... o que você encontrou pelo caminho? Busque criar agenciamento com eles e com alguns dos possíveis e virtuais que insurgem/se atualizam do contato com os mesmos. É assim ao menos que nosso grupo tem entendido o estudo desse autor e de outros que o inspiraram ou o acompanharam.

Ler/escrever para criar e não para decifrar; para abrir agenciamentos, não para ilustrar ou representar; para suportar uma vida contingente, não para salvar-se da morte; para deixar outros rastros e estilhaços, não para completar todas as trilhas e caminhos. Com isso, não estamos apontando uma forma correta de agir, ou o melhor jeito de fazer, mas sim o que tem nos mobilizado no momento.

A leitura que fazemos dos textos para cada sábado é bastante plural. Há os/as que leem o livro todo, os/as que leem parte do livro e os/as que vão



FIGURA 8.

Composição: experimentações com colagem, desenho e anotações realizadas por participantes do grupo de estudos ao longo de um dos encontros. Arquivo dos autores.

ler parágrafos apenas no dia do encontro. Com exceção do/a responsável pela proposição da discussão, nem todos/as precisam ler tudo o que está previsto. Essa decisão afeta o modo como será o aproveitamento do encontro para cada um/a, mas, de forma alguma, entendemos que haja uma preparação que garanta qualquer totalidade. Pode ser que, no momento da discussão, certas referências apresentadas pelo/a propositor/a (exteriores ao livro discutido, muitas vezes) possam afetar a quem está presente de formas muito diversas e potentes. Há conexões que são ensaiadas naquele instante coletivamente. A possibilidade de busca instantânea na *internet* de disparadores diversos (escritos, visuais, sonoros, fílmicos) favorece muito esse fato.

Entende-se que o encontro – e aquilo que poderá ser produzido nele ou a partir dele – sempre será pautado por variantes diversas, desde o recorte específico feito pelo/a propositor/a do dia, perpassando as referências escolhidas para compor junto com a leitura discutida e as escritas que insurgem e retroalimentam essa leitura, até a forma como cada um/a compõe agenciamentos diversos com o que foi dito, apresentado, visualizado, ouvido, pensado... Tais procedimentos e formas de entender o que são e como se organizam os “Sábados com Deleuze” respingam em nossas aulas e pesquisas, bem como na forma como lemos/escrevemos na profissão e no estudo pessoal.

Ler e escrever como quem lê/escreve não o texto, mas a margem da página; como quem lê/escreve toda a carga que acompanha um livro e não o livro em si. Que ressonâncias se propagam em meio a escritas/leituras desta ordem? Que vozes estranhas/desconhecidas se projetam de nossa própria garganta, quando nos propomos a uma aventura assim?

4º Par de Mãos

Ser a quarta voz é como ser o último membro a falar em uma banca examinadora, parece que tudo já foi dito, parece que nos roubaram as

palavras e também as ideias. Mas, enfim, tentarei buscar aqui alguma singularidade. Em suma, o que realizamos neste texto foi tentar organizar um pouco do que temos vivido nesses encontros mensais de estudo que iniciaram em 2015 e que finalizaram em 2019.

Portanto, este texto se refere a elaborações sobre experiências de leitura e escrita envolvendo esses cinco anos em que estamos juntos. Quando vamos parar? Iniciamos falando em 30 sábados, porém, ao longo desses anos, novos livros foram lançados e compuseram com o cronograma inicial. Então, já não serão somente 30, mas talvez 40 ou 50 ou mais.

O que faz com que um grupo demore anos estudando juntos, lendo e escrevendo, escrevendo/lendo? Ouso dizer que é por necessidade. E isso me leva a pensar com Deleuze em *O ato de criação*, quando escreve:

É preciso que haja uma necessidade, tanto em filosofia quanto nas outras áreas, do contrário não há nada. Um criador não é um ser que trabalha pelo prazer. Um criador só faz aquilo de que tem absoluta necessidade. (DELEUZE, 1999b, p. 2).

Necessidade. Foi necessário encontrar um dia e organizar uma agenda. Abrimos mão de descansar em um sábado do mês, de estarmos com nossas famílias para trabalhar, para pensar, para ler e escrever, porque precisamos beber dessa fonte que é esse grupo que nos impulsiona a seguir. Seguimos.



FIGURA 9.

Composição: experimentações com colagem realizadas por participantes do grupo de estudos ao longo de um dos encontros. Arquivo dos autores.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. de Mario Laranjeira. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

CORAZZA, Sandra Mara. **Os cantos de Fouror: escrita em filosofia-educação**. Porto Alegre: Sulina, Editora UFRGS, 2008.

CORAZZA, Sandra et al. (orgs.) **Biografemática na Educação: Vidarbo**s. Caderno de Notas 7. Porto Alegre: Doisa, 2015.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. Trad. de Luiz Roberto Salinas Fortes. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Trad. de Bento Prado Junior y Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 1**, v. 3. 2ª ed. Trad. de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão y Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2012a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, v. 4. 2ª ed. Trad. de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2012b.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos**. Trad. de Lara de Malimpensa. São Paulo: n-1 edições, 2015.

DIAS, Susana Oliveira. Escuta inumana: murmúrios de uma vida irrepresentável pelo grito arquivista... In: **Leitura: Teoria & Prática**, 32:62, (2014): 155-167. Artigo em linha disponível em <<http://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/viewFile/247/146>> [fecha de consulta: 24 de marzo de 2017].

FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade, Política**. Coleção Ditos e escritos V. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7ª ed. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora**: Blanchot, Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil** – um manifesto. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Trad. y notas de Tomaz Tadeu. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Artigo submetido em: 24/10/2022

Aceito em: 19/12/2022